

## **O CONTEXTO MILITAR EM QUE O EVANGELHO DE MARCOS FOI ESCRITO.**

The military context in which the Mark Gospel was written

*Me. Edmar dos Santos Pedrosa<sup>1</sup>*

### RESUMO

Explorar as riquezas dos evangelhos é desafio a todo intérprete das Escrituras. O evangelho de Marcos traz uma característica especial que o diferencia dos demais, linguagem clara, direta e dinâmica. Passa a impressão de ter sido elaborado com uma intenção bastante específica e voltado a um público alvo bem direcionado. Embora não tenha sido escrito obedecendo a uma ordem cronológica de ações, é rico em apontar para a divindade de Jesus e para seu papel de servo sofredor entre os homens. Seus milagres e atitudes heroicas são capazes de convencer e motivar os ouvintes de Pedro nas palestras proferidas por ele. Não se tem notícia exata do resultado que aquele evento provocou em Roma, mas é possível deduzir que vidas foram transformadas ali, uma vez que Pedro, com seu jeito simples e prático, consegue transmitir a mensagem do Reino de forma ímpar e impactante. Sendo verdade que seu discurso foi realizado no pretório romano a várias e importantes autoridades, certamente Roma nunca mais seria a mesma a partir daquele momento. O maior poder militar da antiguidade teve a oportunidade de conhecer seu maior general – Jesus.

**Palavras-Chave:** Caserna. Império Romano. Evangelho de Marcos. Pedro.

---

<sup>1</sup>Doutorando em Tocoginecologia pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná), Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas. E-mail: [es.pedrosa@hotmail.com](mailto:es.pedrosa@hotmail.com)

## ABSTRACT

Explore the riches of the gospels is challenge the whole interpreter of scriptura. The Mark gospel provides a special characteristic that differentiates the other, clear language, direct and dynamic. Gives the impression of have been prepared with an intention very specific and returned to a target audience well direct. While not have been written obeying a chronological order of actions. Is rich in pointing to a divinity of Jesus and for its role of suffering salve among men. His miracles and heroic attitudes are capable to convince and motivate the Peter's listeners in the lecture given for him. No news the exact result that one event caused in Rome, but it's possible to deduce that lives were transformed there, once that Peter, with your way simple and practical, can to transmit the message of the Kingdom of God in a unique way and impactful. Being true that his speech was performed in the Roman *Prætorium* of several and important authorities, certainly Rome would never be the same starting that moment. The higher power of seniority had an opportunity of to know your greatest general – Jesus.

**Keywords:** Barracks. Roman Empire. Mark Gospel. Peter.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho está amparado em uma análise hipotética. Não se propõe a fazer um estudo exegético ou mesmo sistemático dos textos bíblicos que serão mencionados, mas tão somente ilustrar a possibilidade de serem verdadeiros os argumentos doravante apresentados. Será amparado, então, em alguns pressupostos.

O primeiro pressuposto que será empregado neste trabalho é que Pedro estava em Roma palestrando no *pretório*<sup>2</sup> para a elite romana e que Marcos o acompanhava como seu fiel amanuense, ou mesmo intérprete, já que Pedro não devia dominar o latim.<sup>3</sup> Assim, traduziu e anotou o quanto pôde do discurso para, mais tarde, o apresentar na forma escrita como é conhecido ainda hoje. Corrobora com esta hipótese a possibilidade real de a plateia ter ficado tão fascinada com o que ouviu que lhe pediu cópias dos apontamentos da palestra, escritas por ele.<sup>4</sup>

Outro pressuposto importante, a ser relevado neste trabalho, é a consideração de

<sup>2</sup>Originalmente significava a tenda do comandante ou *praetor*, e, em consequência, os quartéis do exército. Por extensão, a palavra veio a significar a residência de um governador provincial, conforme relatos dos evangelhos (DOUGLAS, M. D. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 1314).

<sup>3</sup>DEBARROS, Aramis C. *Doze homens, uma missão*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 459.

<sup>4</sup>BLACK, David Alan. *Por que 4 Evangelhos? Razões históricas e científicas da escolha de Mateus, Marcos, Lucas e João*. São Paulo: Vida, 2004, p. 33.

que o Evangelho de Marcos foi o terceiro dos sinópticos a ser escrito, adotando para isso a posição, nada unânime de alguns historiadores cristãos.<sup>5</sup>

O terceiro e não menos importante pressuposto aqui utilizado, é que Marcos transcreveu o discurso de Pedro proferido em Roma e que o apóstolo fazia uso, durante sua palestra, de uma via de Evangelho de Mateus escrito em hebraico e uma do Evangelho de Lucas escrito em grego, apenas mencionando-os de forma direta e objetiva em razão da natureza do público ali presente.<sup>6</sup> Assim, Pedro utilizou-os como fonte secundária em seu discurso, já que, primariamente, fez uso de sua experiência pessoal com Jesus. Isso explicaria com tranquilidade o fato de que muitas histórias, palavras e termos militares contidos em Marcos, também são encontrados nos outros sinópticos e também no Evangelho de João.

## I. PANO DE FUNDO MILITAR DO EVANGELHO DE MARCOS

Roma, capital do império mais espetacular da antiguidade, será o cenário para os eventos que envolvem a escrita do evangelho. Para entender um pouco da grandeza daquele império, basta olhar para a história:

O império Romano, ao qual os judeus e os primeiros cristãos estavam submetidos, representou um dos mais contundentes avanços no desenvolvimento da civilização humana até aquele momento. Ainda no período republicano, que antecedeu a era cristã, Roma construiu boa parte de seu magnífico território. Estendia-se por cerca de 5.000 quilômetros, desde os rincões gélidos da Escócia até o calor desértico da Síria, desde a costa atlântica de Portugal até as regiões balcânicas do Oriente Europeu, abrangente o equivalente a mais de 40 nações atuais.<sup>7</sup>

Durante o período da vida de Jesus Cristo e de seus 12 apóstolos, reinava na Palestina a *Pax Romana* (Paz Romana), o que possibilitava àqueles homens expressarem e divulgarem sua fé livremente.<sup>8</sup> Durou cerca de 250 anos e garantiu tranquilidade e riqueza suficientes para uma estabilidade política. A imposição e manutenção desta paz só foram possíveis em razão da presença militar romana em massa naquele local.

Era um exército forte e temido em todo mundo antigo. Tinha preparo inigualável, coragem acima da média e um espírito guerreiro capaz de dominar reinos e nações na antiguidade. Todo militar sabia de onde vinha todo glamour e devoção por sua força

<sup>5</sup> MAUERHOFER, Erich. Introdução aos escritos do Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2010, p. 229.

<sup>6</sup> BLACK, 2004, p. 30.

<sup>7</sup> DEBARROS, 2006, p. 21.

<sup>8</sup> BLACK, 2004, p. 18.

armada e disciplinada: de Julio César (100–44 a.C). Ele foi exímio comandante militar e hábil administrador, a ponto de, segundo historiadores, dormir com seus soldados ao ar livre, marchar com eles e lutar bravamente como se fosse um deles. Era um líder nato.<sup>9</sup>

Julio César sabia como poucos que era necessário ganhar o respeito e devoção da maior força de Roma: o Exército. Ele sabia que quem controlasse o exército controlaria Roma.<sup>10</sup> Pedro, como se pode deduzir, sabia muito bem disso; logo, foi um estrategista ao palestrar para aquele público alvo, justamente na casa do *Pretor*.<sup>11</sup> Mas ele precisava impactá-los, pois certamente davam muito valor a uma boa oratória, sem esquecer que Julio César era lembrado por seu exército pelo exemplo de coragem e paixão pela causa que defendia.

O Evangelho de Marcos, o último dos três sinópticos a ser escrito, foi produzido a partir de discursos feitos por Pedro quando estava em Roma.<sup>12</sup> E não estava em um lugar qualquer, mas exatamente no interior do Pretório, de onde proferiu uma série de palestras para vários *patrícios*<sup>13</sup>, principalmente para membros do próprio pretório, ou seja, para militares, que não eram quaisquer militares. Isso significa dizer que seus discursos foram voltados essencialmente para autoridades militares da época, pessoas de alta patente, e dentro do quartel-general delas.<sup>14</sup>

Desta forma, os discursos tiveram que ser pronunciados em grego, linguagem comercial e diplomática da época. Precisava ser feito de forma clara e direta, com linguagem altamente objetiva, pois o público, que era formado na maioria por militares, não era dado a filosofias, linguagem histórica ou genealógica. Tinha que usar termos linguísticos que contextualizassem a mensagem aos ouvintes. Resumindo, tinha que falar na língua dos ouvintes, de maneira objetiva e em termos corriqueiros à vida em *caserna*.<sup>15</sup>

Esta pode ser a razão pela qual, no Evangelho de Marcos, são tão comuns alguns

<sup>9</sup> LEME FILHO, Trajano. *Os 50 maiores erros da Humanidade*. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004, p. 25.

<sup>10</sup> LEME FILHO, 2004, p. 25.

<sup>11</sup> Uma espécie de Juiz de Estado, posição de muito prestígio (LEME FILHO, 2004, p. 24).

<sup>12</sup> BLACK, 2004, p. 49.

<sup>13</sup> Os patrícios eram grandes proprietários de terras, rebanhos e escravos. Desfrutavam de direitos políticos e podiam desempenhar altas funções públicas no exército, na religião, na justiça ou na administração. Eram os cidadãos romanos (CONTRIN, Gilberto. *História global: Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva, 200, p. 83).

<sup>14</sup> BLACK, 2004, p. 30.

<sup>15</sup> s.f. Construção destinada ao alojamento de soldados; quartel. A carreira militar. Fig. Vida de caserna, vida submetida a obrigações imperativas. Disponível em [www.dicio.com.br/caserna/](http://www.dicio.com.br/caserna/). Consultado em 03/09/2014.

termos latinos. Podem ser encontrados latinismos como: centurião (15.39,44s), jarro (7.4), carrasco (6.27), estar nas últimas (5.23), fazer um agrado (15.15), dobrar os joelhos (15.19), açoitar (14.65), pátio e pretório (15.16), tributo (12.14), denário (6.37), legião (5.9,15), flagelo (15.15). Apesar de alguns destes termos também serem encontrados nos outros sinópticos, pelo menos aponta para o fato de serem termos técnicos militares.<sup>16</sup>

## 2. A ELITE MILITAR ROMANA NA PALESTINA

A título de exemplo, para confirmar a competência e capacidade dos militares presentes em Jerusalém, onde se desenvolvem os momentos finais de Jesus, convém lembrar que a ressurreição de Jesus aconteceu no primeiro dia da semana, domingo. Foram designados nove soldados encarregados de guardarem seu túmulo. Eles formavam uma “cúria” da melhor linha da terceira legião romana, composta ao todo por 4.500 homens, que estavam presentes na Palestina.

Uma tropa com aquelas credenciais, a título de exemplo, não teria a menor condição de ter dormido durante seu turno de guarda junto ao túmulo de Jesus, permitindo que seu corpo fosse furtado, como alguns alegam para colocar em dúvidas a veracidade da ressurreição de Cristo. Dormir em Serviço e Abandonar o Posto de vigia, até hoje na legislação castrense (militar), é considerado crime grave, punido até mesmo com pena de morte, em caso de estado de guerra e quando a atitude for considerada traição.<sup>17</sup>

Talvez por isso, os ouvintes são alertados a se manterem alertas, o que para eles era algo muito lógico e natural quando estavam em serviço. Eles, como militares, lutavam contra inimigos externos e internos, contra combatentes, revolucionários e também contra criminosos. Sabiam que estas pessoas agiam sempre à surdina e aproveitando a escuridão da noite. Não podiam dormir para não serem surpreendidos. A pior coisa que podia acontecer é o militar ser surpreendido, pois não terá a menor chance de reação. Comparativamente, na volta de Cristo, devem vigiar (13.33-37) e ficar de sobreaviso, o que quer dizer: atentos, prontos e preparados.

Esse medo de sofrer uma punição exemplar, com certeza, produzia nos soldados uma irrepreensível atenção ao dever, especialmente nas vigílias da noite, quando, certamente, o risco de algum incidente era bem maior.<sup>18</sup> Outro fator de destaque era

<sup>16</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 141.

<sup>17</sup> Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de Outubro de 1969. Artigos 203, 195 e 355 respectivamente.

<sup>18</sup> MCDOWELL, Josh. As evidências da ressurreição de Cristo: os fatos históricos comprovam a

que esta tropa, presente na Palestina, era uma verdadeira máquina de guerra, capaz de frustrar os planos de qualquer tropa inimiga, principalmente de discípulos de Jesus ou populares sem qualquer treinamento militar, desarmados ou precariamente armados. No caso do evento envolvendo a ressurreição de Jesus, McDowell afirma que, em caso de combate, para roubar o corpo inerte do Senhor: *Seria uma batalha de seis segundos. Um só soldado teria dado cabo do grupo inteiro dos discípulos. Ele poderia, com uma só mão, pô-los a correr.*<sup>19</sup>

Esse era o perfil da tropa que ali estava. Era para ser temida a todo custo, pois colocava ordem no local no melhor estilo militar romano: pela coação e/ou pela violência.

### 3. CONCEITOS MILITARES FUNDAMENTAIS

Ao discursar para uma plateia militar, alguns conceitos e situações têm um peso bastante particular. Levando em consideração que entre os ouvintes de Pedro estavam presentes muitos militares de alta patente, verdadeiros comandantes de tropas de e frações delas, o apóstolo vai abrir sua fala mostrando exatamente de quem ele estava falando: da maior autoridade sobre a terra, daquele que ocupa o topo da pirâmide hierárquica, a quem todos devem se subordinar, exatamente como faziam a César.

O simples fato de mencionar João Batista inaugurando o Evangelho, tem muita importância. Foi o próprio João, enquanto batizava e pregava sobre Jesus e a salvação trazida por ele, que aconselhou alguns soldados sobre como poderiam ser salvos.<sup>20</sup> Naquele momento, ele abordou as três questões mais comuns que eram praticadas por um soldado ou que os influenciava negativamente. Disse para que não maltratassem ninguém, para que não dessem denúncia falsa, pois isso prejudicaria muito uma pessoa inocente, e também que se contentassem com o seu salário (soldo). Aliás, sobre a questão financeira, ao retratar a estória do jovem rico (10.17-22), Jesus vai enfatizar esta questão, ao mostrar o grande perigo que as riquezas representam, ao tirarem da pessoa a possibilidade de entrada no reino de Deus (10.23).

Parece que João estava dizendo aos soldados que o soldo que ganhavam podia não ser muito, mas era o suficiente para terem uma vida digna sem que precisassem se corromper, extorquir ou usar alguns meios ilegais em prejuízo de outras pessoas.<sup>21</sup>

---

ressurreição de Cristo. São Paulo: Candeia, 1999, p. 124.

<sup>19</sup> MCDOWELL, 1999, p. 125.

<sup>20</sup> **Bíblia Sagrada.** Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. Lucas Cap. 3.

<sup>21</sup> BARRETO NETO, Custódio Alves. **Um Policial... Um servo de Deus:** há um propósito de Deus para o

Um militar tinha que ser honesto acima de tudo. Parece uma frase típica de caserna em que se diz: o ingresso na carreira militar fecha duas portas ao homem – a da riqueza e a da miséria.

### 3.1 Autoridade

Com certeza, os ouvintes entendiam bem deste assunto. Sabiam o que representava uma autoridade e como deveriam tratá-la. Pedro começa mostrando que a vinda de Jesus foi o cumprimento de uma profecia do Antigo Testamento<sup>22</sup> e que o profeta que o precedeu, João Batista, reconheceu prontamente sua autoridade suprema, ao afirmar que aquele que viria após si era muito maior do que ele, de maneira que ele não era digno de sequer curvar-se diante dele para desatar suas sandálias.<sup>23</sup> Isso representava um grande ato de humildade e reconhecimento da autoridade de Jesus.

Autoridade era tão importante para os membros do pretório que aparece pelo menos onze vezes em todo o Evangelho de Marcos. O evangelista quer deixar bem claro aos ouvintes quem era de fato Jesus e que, como Deus, tinha a soberana autoridade sobre todas as coisas. Só assim eles poderiam entender de quem se estava falando e, de uma maneira bastante prática, poderem se submeter a ele. Um militar só se submeteria a outro homem caso fosse superior a si, uma pessoa com autoridade e, para ser assim, necessitaria ter poder de mando. É pura questão de precedência hierárquica. Um superior nunca se submete a um subordinado, porém o inverso é obrigação legal.

Jesus é representado em Marcos como o grande servo sofredor que ao mesmo tempo era Deus. Por isso, essa distinção tinha que ficar clara inicialmente, para que os militares entendessem que todos eram subordinados a Ele e, por esta razão, como Ele tinha precedência hierárquica, deviam-lhe honras e reconhecimento. Portanto, Jesus aparece no Evangelho como alguém superior ao próprio César. Só Ele tinha autoridade, por exemplo, sobre demônios e doenças, e isso precisa ficar bem claro.<sup>24</sup>

Para um militar, autoridade não se exige, autoridade se impõe. Quando Jesus ensinava, Ele deixava notório que tinha autoridade (1.22). Jesus tinha autoridade inclusive sobre o Reino Espiritual. Ele manda de forma imperativa: *cala-te e sai!* (postura bem militar, por sinal) aos demônios e estes não só se submetem a Ele, obedecendo a

---

policial. São José dos Campos: JAC, 1999, p. 40.

<sup>22</sup> Bíblia Sagrada, Isaías Cap. 40.

<sup>23</sup> Bíblia Sagrada, Marcos Cap. 1.

<sup>24</sup> SAYÃO, Luiz. *Rota 66 - Novo Testamento: manual de apoio do comentário bíblico falado*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2009, p. 63.

sua ordem imediatamente, como também reconhecem publicamente sua autoridade (1.24-26). O mesmo vai acontecer outras vezes (1.34), em que novamente não permitiu que eles falassem. Quando o encontravam, “autoridades” espirituais se prostravam e publicamente reconheciam sua divindade (3.11-12), pois a simples presença de Jesus impunha autoridade sobre os que estavam por perto.

Uma legião romana era uma tropa a ser temida e respeitada. Muitos que ousaram enfrentá-las pagaram o alto preço, normalmente com a própria vida. Mas Jesus tinha autoridade até sobre uma legião. Isso mesmo, uma legião! Usando de uma figura de linguagem para que o público entendesse, Marcos mostra Jesus chegando a uma cidade e sendo recebido por uma pessoa endemoninhada, a qual ninguém conseguia deter (5.1-14). O homem possesso corre e adora, reconhecendo-o. Outra vez Jesus fala em imperativos (5.8), pois tinha toda autoridade para isso, e ainda pergunta o nome daquele espírito. Para surpresa da plateia, não era um único demônio, mas uma legião, um verdadeiro exército espiritual.

Jesus também tinha autoridade sobre as forças da natureza. Disso um militar entende muito bem. Sabe que a natureza é um grande e cruel combatente, que, muitas vezes, não só vence como define o resultado de batalhas. Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler que o digam.<sup>25</sup> Frio ou calor excessivo são terríveis, tempestades e terremotos são desastrosos e um militar que se preza, desvia destes eventos sempre que possível. Mas Jesus não teme a natureza. Ele tem autoridade absoluta sobre ela e isso precisava ser dito aos ouvintes.

Em Marcos 4.35-41 Jesus simplesmente exerce sua autoridade sobre uma tempestade dizendo, como sempre em imperativos: *Acalma-te, emudece!* (4.39). O vento não só obedeceu, como todos os presentes ficaram atemorizados (4.41). Não seria nada difícil para Jesus andar sobre as águas, tanto que o fez (6.46).

Outro inimigo reconhecido e temido pelos militares, certamente o pior deles, é a morte. Contra esta nem os Césares tinham o menor poder, mas Jesus sim. No evento envolvendo a filha de Jairo, este, que era uma autoridade religiosa, mas que reconhece a autoridade superior de Jesus, ao se prostrar aos seus pés, quando o encontra (5.22), Cristo vai demonstrar sua autoridade sobre a morte, dizendo em imperativo: *Menina, eu te mando, levanta-te!* Ela não só ressuscitou como todos os presentes, que duvidaram da sua autoridade anteriormente, ficaram muito admirados (5.41-43).

Marcos faz questão de demonstrar também que Jesus tem autoridade sobre

<sup>25</sup>LEME FILHO, 2004, p. 27.

doenças e vai mostrar, em diversos momentos no evangelho, ele curando pessoas e dizendo imperativamente frases do tipo: *Levanta-se e anda!* (2.9), *fica livre do teu mal* (5.34), *abre-te* (7.34). Também bastava tocar em pessoas e estas eram curadas. Apenas *tomou a sogra de Pedro pela mão* (1.31). Tudo isso para demonstrar que Jesus tinha autoridade, inclusive, para curar a doença da alma humana, o pecado. Ele tinha autoridade para perdoar os pecados. No caso mais marcante do Evangelho, ele disse ao paraplético: *Filho, os teus pecados estão perdoados* (2.5).

Por fim, a autoridade de Jesus foi reconhecida pelo próprio apóstolo que discursava (8.29) ao afirmar: *Tu és o Cristo!* E também foi reconhecida pelo próprio Deus (9.7), quando disse dos céus: *Este é o meu filho amado, a ele ouvi.*

Não deve ter ficado qualquer dúvida na mente daquela plateia presente no pretório, naqueles dias de palestra, de que Pedro os apresentava Jesus, aquele que tinha a maior autoridade que todos jamais conheceram. Apontou-lhes a maior autoridade hierárquica que existia, deixando a eles a opção de se reconhecerem como subordinados a Ele.

### 3.2 Coragem

A coragem é realçada a categoria de valor essencial a todo militar. Para Jesus ser reconhecido como o grande líder que foi, os ouvintes militares precisavam reconhecer nele uma qualidade fundamental: a coragem.

Jesus, como autoridade que era, tinha um claro compromisso com a verdade. Por esta razão, precisava se impor contra a mentira, a hipocrisia e a desonestidade.<sup>26</sup> Fará isso, enfrentando as autoridades religiosas de sua época, mesmo sabendo que aqueles homens poderiam tramar contra sua vida, como de fato o fizeram (3.6).

Ele vai adotar uma postura corajosa, digna de admiração, ao se posicionar contrário às contradições apresentadas pelos principais religiosos que o cercavam. Vai mostrar que viver com base em regras não é suficiente. Não basta curar somente o corpo e não a alma (2.1-12), não basta andar só com pessoas santas (2.15-17), da mesma forma, fazer jejum só para se mostrar não serve para nada (2.18-22) e o clímax de suas controvérsias é atingido quanto desmistifica a questão da guarda do sábado (2.23-28). Ninguém ousava enfrentar aquelas autoridades religiosas, mas agora encontraram um oponente a altura, Jesus.

Demonstrou muita coragem também ao recorrer à violência. Isso mesmo, violência.

<sup>26</sup> SAYÃO, 2009, p. 64.

Os militares devem ter se ajeitado em suas cadeiras quando ouviram isso. Foram eles que criaram o termo *Violentia*: Vio (*vis = força, vigor*) e Bio (*vita = vida*). Jesus sempre foi arauto da não violência no sentido negativo da palavra, mas também teve coragem suficiente para usar da violência diante de uma conduta errada que estava sendo cometida pelos mercadores no Templo.<sup>27</sup> Ele não se vingou, mas colocou as coisas em ordem, com a autoridade que possuía, prova disso é que ninguém resistiu às suas ações. Militar não se vinga, mas cumpre fielmente as suas obrigações.

### 3.3 Disciplina

*A disciplina militar é, pois, a obediência pronta, inteligente, espontânea e entusiástica às ordens do superior. Sua base é a subordinação voluntária do indivíduo à missão do conjunto, do qual faz parte. A disciplina é o espírito da unidade militar.*<sup>28</sup>

A disciplina existe nos meios militares como um verdadeiro valor a ser cultivado. Passou a ser codificada a partir do século XVI, nos primeiros códigos militares que passaram a prever punições aos faltosos e recompensas aos merecedores. O autor desta codificação foi François I, na França e Charles V, na Alemanha, atravessando toda a Europa até chegar ao Brasil por meio dos portugueses, os quais usaram como base os ensinamentos dos artigos de Guerra do Conde de Lippe, elaborados nos moldes da Lei Militar Prussiana e inspirados todos nos Artigos de Guerra de Gustavo Adolfo.<sup>29</sup>

Atentar contra a disciplina é inimaginável a qualquer militar. A disciplina é a força que mantém unida uma tropa e sustenta um reino. *Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir*<sup>30</sup>.

Atos de insubordinação eram punidos com a pena capital. Simplesmente não havia absolvição em um julgamento para um militar que abandonasse o exército por deserção ou traição, e muito menos havia perdão para aqueles que cometessem atos ilegais, físicos ou verbais, contra seu superior hierárquico (comandante). Quanto mais alta a patente, tão mais grave se torna a ofensa. Assim, sendo Jesus o comandante de maior grau hierárquico, é inadmissível alguém cometer um ato de insubordinação contra ele, por exemplo, desconsiderando sua autoridade.

Marcos vai mostrar este ato reprovável e suas consequências desastrosas, ao contar

<sup>27</sup> ALVES, Evandro Teixeira. *A Polícia e a Igreja: uma parceria para o desenvolvimento da comunidade e o combate à violência*. Pompeia: Universidade da Família, 201, p. 110-111.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/wp-content/uploads/2013/07/manual-de-campanha-da-ordem-unida.pdf>. Pesquisado em 04/09/2014.

<sup>29</sup> ROCHA, Abelardo Julio; et.al. *Regulamento disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo*. São Paulo: Suprema Cultura, 2007, p. 10.

<sup>30</sup> Bíblia Sagrada, Marcos Cap. 3.

o caso da blasfêmia (insubordinação) cometida pelos escribas, homens religiosos (subordinados), reproduzindo uma frase de Jesus (superior ofendido pela afronta), que dizia que aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, ou seja, contra o próprio Jesus, já que era a respeito dele que estavam falando mal, não terá perdão para sempre, resumindo: será réu (julgamento sumário) de pecado eterno, o que significava para eles, pena de morte. Esta era uma linguagem extremamente simples, direta e que não deixaria qualquer dúvida nos militares.

### 3.4 Voz de Comando

Jesus é apresentado àquela plateia como um grande comandante. Entre outras coisas, o que classifica um comandante é a sua voz de comando. Ele fala e todos obedecem, sem questionar. Porém, um comandante que se preza exerce sua voz de comando aos seus subordinados, colocando-os em forma, ou seja, mantendo-os em ordem. É o que se chama, até hoje, no meio militar, de Ordem Unida.

Como os ouvintes entendiam bastante da questão, Marcos vai mostrar dois momentos em que Jesus, como verdadeiro comandante, coloca as pessoas a sua volta em formação. Os discípulos precisavam alimentar uma multidão composta por milhares de pessoas desorganizadas (6.30-44). Jesus então os comanda, determinando que juntem as pessoas em grupos de cem em cem, ou seja, em centúrias e também em grupos de cinquenta em cinquenta, metade de uma centúria. Uma centúria era comandada por um centurião e somente dele recebia ordens. Várias centúrias formam uma legião, sendo extremamente eficiente a divisão em grupos devidamente comandados.

Era uma linguagem puramente militar, que todos ali deviam entender bem. Esse fato vai se repetir novamente (8.1-10) quando Jesus vai estar diante de uma legião faminta e os alimenta, mas não sem antes comandar ao povo que se assentasse no chão (8.6), possivelmente nos mesmos moldes anteriores.

### 3.5 A autoridade da Farda

O uniforme é o símbolo da autoridade militar<sup>31</sup>; por sua vez, farda é o nome dado ao uniforme específico dos militares e tem valor de segunda pele. É muito mais do que uma simples peça de vestuário. Funciona como a materialização de sua autoridade e não pode ser tocada, salvo com o seu consentimento. Essa questão não poderia ficar

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.jurdepaula.com.br/site/wp-content/uploads/2013/10/r5pm-Regulamento-de-Uniformes-da-PM.pdf>. Pesquisado em 04/09/2014.

de fora dos assuntos abordados ali em Roma. A farda tem um grande peso na vida de um militar.

Marcos vai contar uma estória envolvendo uma mulher doente que tentava se aproximar de Jesus com uma única intenção: tocar nas suas vestes. Obviamente, ela queria fazer isso porque reconhecia, na vestimenta de Jesus, a materialização de sua autoridade; logo, acreditava que daquela roupa sairia poder e ela seria curada (5.25-34). Sua expectativa se confirma e Jesus resolve parar o cortejo, reconhecendo o ato de fé daquela mulher. Não era um fato anormal para os romanos que conheciam casos análogos, quando a multidão saía às ruas para tentar tocar nas vestes de César, beijar suas mãos ou simplesmente fazer-lhe pedidos, conforme se verá adiante.

Este fato vai ser ratificado e enfatizado novamente quando Marcos retrata a estadia de Jesus em Genesaré (7.53-56). Ali ele vai mostrar que as vestes representavam sua autoridade, tanto que pessoas doentes eram colocadas nas praças, pedindo que somente pudessem tocar numa pequena parte dela, para que assim fossem curadas. A “farda” de Jesus tinha um peso de autoridade surpreendente.

#### 4. A ENTRADA TRIUNFAL EM JERUSALÉM

Na mente romana, o espetáculo público da entrada triunfal do soberano, um homem que achava ter poderes divinos superiores a um Rei, como disse Júlio César certa vez: “*Caesar sum, non rex*”<sup>32</sup> (Sou César, não rei), era uma demonstração clara de orgulho, vitória e poder. Possivelmente eles não deviam ter se esquecido do maior evento desta magnitude, quando o próprio Júlio César, ao entrar pelas portas da cidade de Roma, com todo seu exército paramentado, foi recebido pelo povo. Ele trazia a sua frente os estandartes romanos e vestia-se, como era costume nestes momentos, de uma elegante manta púrpura e ouro. Assim, ele mostrou a todo mundo que ele era o rei legítimo e poderoso, e não seu inimigo Marco Antonio, que tentou forçar sua própria coroação.<sup>33</sup> Qualquer romano vivo na época, principalmente um líder militar, tinha esta imagem bem viva na mente.

Outro fato marcante na mente da plateia de Pedro relaciona-se com a figura quase mitológica de Julio César. No dia da sua morte, César estava a caminho do Senado sendo levado em sua liteira, como normalmente acontecia. Durante o caminho, a multidão se aglomerava em torno dele para tentar tocá-lo, beijar-lhe as mãos e

<sup>32</sup> LEME FILHO, 2004, p. 31.

<sup>33</sup> LEME FILHO, 2004, p. 16.

entregar-lhe bilhetes com pedidos.<sup>34</sup> Nota-se que, para um romano, havia muita representatividade nesta forma de ação.

Semelhantemente, Jesus entra em Jerusalém para passar ali sua última semana de vida, cumprindo a profecia.<sup>35</sup> E não entra de forma discreta, mas ovacionado pela multidão. Eles queriam um Rei para trazer liberdade e Jesus era este homem, mas não do jeito que eles esperavam. Jesus entra triunfantemente em paz. Quando um Rei queria entrar numa cidade em paz e com toda sua indumentária e cerimonialismo, ele o fazia montado em um jumento, não em um cavalo, para que seu ato não demonstrasse uma atitude bélica.<sup>36</sup> Jesus faz exatamente assim. Entra como Rei da Paz, que veio para trazer a maior libertação de que todos necessitavam e isso ia acontecer dali a alguns dias, na Cruz.

Salvação imediata era o desejo da multidão que o cercava. Segundo os relatos contidos em três dos evangelhos, quando Jesus entra sem Jerusalém, desta vez para não mais sair dali antes de sua morte, o povo o recebe triunfantemente, como se fosse um imperador que chegava da batalha, e clamam *Hoshia na* (transliterado como Hosana), significando claramente Salve Agora!<sup>37</sup> A salvação que almejavam era humana contra o jugo opressor romano e como ela não veio; dias depois exigiram sua crucificação, pedindo a libertação de Barrabás, este sim, preso e condenando por ser um verdadeiro revolucionário.<sup>38</sup>

Um evento daquela magnitude não passaria despercebido pelos militares romanos que guarneciam Jerusalém, afinal de contas, um homem que era chamado de Rei pela multidão, entrava triunfantemente na cidade para dominá-la, todavia, em paz.

## 5. A POSIÇÃO DE PRECEDÊNCIA DE JESUS

Pedro, em seu discurso, faz, por mais de uma vez, uma afirmação em linguagem totalmente militar, demonstrando a importância e a autoridade de Jesus. Num primeiro momento, retrata uma conversa entre Jesus e os irmãos João e Tiago (10.37), quando eles pedem que no Reino de Deus possam se assentar um à direita e outro à esquerda. Parece um pedido simples, mas, na óptica de um militar, é bem mais complexo do que isso. De acordo com o regulamento de continências de qualquer força militar nacional, fica expressamente determinado que:

<sup>34</sup> LEME FILHO, 2004, p. 31.

<sup>35</sup> Bíblia Sagrada: Zacarias Cap. 9.

<sup>36</sup> DAVIDSON, Francis. *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida, 1954, p. 1012.

<sup>37</sup> DAVIDSON, 1954, p. 1012.

<sup>38</sup> Bíblia Sagrada: Mateus Cap. 21, Marcos Cap. 11, João Cap. 12.

Quando dois militares se deslocam juntos, o de menor antiguidade dá a direita ao superior. Quando os militares se deslocam em grupo, o mais antigo fica no centro, distribuindo-se os demais, segundo suas precedências, alternadamente à direita e à esquerda do mais antigo.<sup>39</sup>

Desta forma, quando os dois irmãos, e possíveis primos de Jesus<sup>40</sup>, pedem para se assentarem ao lado dele na sua glória, estão reconhecendo sua autoridade superior, mas também se colocando como segundo e terceiro em importância perante todos os outros discípulos. O segundo em importância se assenta ou se desloca sempre à esquerda da autoridade de maior patente, e o terceiro em precedência segue à sua direita. A título de exemplo, convém notar que a posição das bandeiras oficiais do Brasil, dos Estados e dos municípios, respeita esta mesma regra quando estão hasteadas juntas. Isso era muito significativo para aquela plateia.

A contundente resposta de Jesus em forma de pergunta (10.38) parece não ter sido bem entendida pelos dois irmãos. Tempos depois, Tiago, o de maior precedência, pois era mais velho, vai ser o primeiro dos discípulos a ser martirizado.<sup>41</sup> Aquele que teria a menor precedência, João, vai envelhecer e morrer em avançada idade.

Todavia, no relato da crucificação de Jesus, foi o momento mais marcante em que Marcos utilizou esta forma de linguagem.

Assim como Jesus entrou dias antes triunfantemente em Jerusalém, os soldados, como forma de ironizar e satirizar o recebimento de honras devidas a um Rei, fazem Jesus se deslocar até o local da crucificação, não mais montado em um animal, mas carregando sua própria Cruz. Agora não é mais reconhecido e ovacionado pela multidão, mas humilhado aos gritos pelos transeuntes e espancado pelos soldados romanos que o escoltam caminho afora.

O ápice do relato ocorre justamente quando ele é colocado na Cruz. Crucificam-no exatamente entre dois malfeitores (15.27), um à sua direita e outro à sua esquerda. Deixa-se notório, então, para todo aquele que estivesse assistindo aquela cena, quem era o pior dos salteadores condenados. Era exatamente aquele que estava posicionado ao centro. Para um militar, isso era muito claro, mas, para que não ficassem dúvidas na mente dos civis que assistiam àquele espetáculo sádico, colocam uma placa acima da sua cabeça com dizeres nos três idiomas falados em Jerusalém, afirmando –

<sup>39</sup> Decreto nº 2.243, de 3 de Junho de 1997. Dispõe sobre o regulamento de continências, honras, sinais de respeito e cerimonial militar das Forças Armadas. Artigos 4º e 5º respectivamente.

<sup>40</sup> DEBARROS, 2006, p. 367.

<sup>41</sup> Bíblia Sagrada: Atos Cap. 12.

ironicamente, é claro - quem ele era, o dito Rei dos Judeus.

Os próprios malfetores ao seu lado reconhecem esta condição de preeminência sobre eles. Um blasfema e outro se arrepende.

Pedro fecha esta questão que certamente calou de admiração sua plateia, ao afirmar que o evento todo estava sendo comandado por um centurião. Depreende-se desta informação que pelo menos cem soldados participaram do cortejo humilhante e da execução. É natural de se esperar que, dentre os ouvintes no pretório, havia alguns centuriões. Não sem motivo, ele termina o relato daquele evento justamente reproduzindo a fala do centurião que reconheceu a divindade de Jesus ao afirmar: *Verdadeiramente este homem era filho de Deus* (15.39).

## 6. JESUS MORREU TÃO RÁPIDO!

A crucificação<sup>42</sup> era o processo mais cruel de sentenciar alguém à morte. O condenado morria em média após três dias de intensa agonia e por asfixia. Mas com Jesus este processo foi muito mais rápido. Durou apenas cerca de três horas. Da hora sexta à hora nona (15.33-34). A razão era simples de imaginar: o alto poder de crueldade dos soldados. Versículos antes desta afirmação, Marcos retrata, no melhor estilo militar de tortura a um condenado, o que Jesus passou.

Após receber o veredito, foi entregue aos soldados, os quais simplesmente juntaram todos os militares presentes para participarem ou assistirem as sessões de tortura que seriam iniciadas. A primeira forma de tortura a que foi submetido, era a psicológica. Ironizam sua posição de rei, ao lhe vestirem de púrpura para representar sua nobreza. Colocaram uma coroa em sua cabeça, mas não uma de ouro com pedras preciosas, e sim de espinhos. Depois disso, começam a saudá-lo como se Rei Ele fosse. Pura humilhação.

Começam então a menosprezar sua autoridade, cuspiendo nele e a baterem com uma vara em sua coroa, para que os espinhos fossem cravados em seu crânio, e ainda se ajoelhavam diante dele, adorando-o ironicamente como Rei. Enquanto isso, muitos sorrisos e ofensas verbais deviam ser proferidos. Quando se cansaram desta sessão torturante, vestem-lhe com suas roupas comuns e o levam para a crucificação de forma triunfante e humilhante.

Esta morte tão prematura causou admiração em Pilatos (15.44). Antes de liberar o corpo para ser sepultado, ele questiona o comandante daquele evento, o centurião

<sup>42</sup> Bíblia Sagrada: Marcos Cap. 15.

(15.45), que confirma a morte. Pedro, diante daquela plateia, polidamente se limitou a dizer apenas isso, mas a confirmação feita pelo centurião não foi meramente através de uma olhada minuciosa no corpo inerte. Foi realizada por meio de um Golpe de Misericórdia. Não seria “politicamente correto” mencionar isso no pretório, que, àquela altura, devia estar repleto de pessoas impactadas por aquilo que ouviram.

Seria imperdoável um comandante militar, da patente de um centurião, liberar um sentenciado à pena capital para ser sepultado, se não tivesse sido confirmada a sua morte. Ele manda quebrar as pernas dos dois salteadores crucificados e que ainda estavam vivos para antecipar o processo de morte. Essa era uma prática comum naqueles casos.<sup>43</sup> Como Jesus morreu de forma surpreendentemente rápida, possivelmente devido à forte tortura que sofreu, ele atesta sua morte por meio de um golpe de lança efetuado por um soldado, que literalmente abriu-lhe o tórax.<sup>44</sup>

Pedro completa seu discurso falando da ressurreição de Jesus e, novamente, omite uma informação que não cairia bem naquele auditório, a corrupção da Cúria formada por nove soldados escalados para vigiar o túmulo de Jesus. Seria vergonhoso e digno de morte reconhecer que aquela tropa de elite havia falhado em guardar o sepulcro. Não era aceitável que homens daquela envergadura tivessem tremido de medo a ponto de desmaiar. Mateus faz esta afirmação e ainda acrescenta que foram subornados para assumirem que cometeram o grave crime militar de Dormir em Serviço e, assim, não notaram o roubo do cadáver de dentro de um túmulo fechado por uma grande pedra. Além de dinheiro, receberam a promessa de segurança contra seus superiores, quando estes tomassem conhecimento de seu fracasso.<sup>45</sup>

Estas omissões, caso foram propositais, convergem no sentido de confirmar os argumentos anteriormente apresentados neste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora o Evangelho de Marcos cause ainda algumas controvérsias, é praticamente certo que foi escrito para a Igreja em Roma. É breve e claro, afinal de contas os romanos não gostavam de abstrações e fantasias, eram pragmáticos. Explica termos judaicos para um público gentil (3.17) e também hábitos judaicos e referências geográficas para dar entendimento.

É bem objetivo. Não leva em conta a cronologia dos episódios. Começa pela

<sup>43</sup>Disponível em [www.blog.cancaonova.com/hpv/crucificacao](http://www.blog.cancaonova.com/hpv/crucificacao). Acesso em 05/09/14.

<sup>44</sup>Bíblia Sagrada: João Cap. 19.

<sup>45</sup>Bíblia Sagrada: Mateus Cap. 28.

Galileia, desce por Samaria e termina em Jerusalém. Marcos é o evangelho da ação, usa verbos e palavras que demonstram movimento, como o termo “imediatamente”. Parece que ele quer correr para chegar logo a Jerusalém e mostrar a morte de Cristo, já que ali se encontra o clímax da história. É tão rápido que dá a impressão de ser um discurso falado e não escrito.

Contrasta linguagem militar, autoridade suprema de Jesus, com a sua missão nobre no mundo, que era servir as pessoas. Pessoas, para Jesus, são mais importantes que leis, mais importantes do que o orgulho e religiosidade. Fala sobre o aspecto da servidão de Cristo, pois prega a um povo escravizado, a militares mostrando que Jesus não veio só para os ricos, mas para todos os homens, inclusive para eles próprios.

Ainda que seja uma hipótese a se confirmar, os pressupostos utilizados neste trabalho, mesmo que parcialmente, deixam passível deduzir a real intenção de Pedro no seu discurso voltado a um público bastante específico, o que ajuda o leitor moderno a compreender algumas expressões e formas de linguagem adotadas, auxiliando sobremaneira no processo de interpretação.

Possui um conteúdo bastante evangelístico e, talvez por isso, foi relatado na forma e na linguagem que a plateia gentílica pudesse compreender quem era Jesus. Era maior do que César como comandante de seu povo. Ele marchou à frente de sua tropa formada por necessitados, os quais ele nunca abandonou. Comandou-os pessoalmente até seu encontro com a morte e, mesmo sabendo antecipadamente deste evento e da forma cruel como aconteceria, seguiu em frente sem esmorecer e deu a sua vida pelo seu exército (seu povo). Esse brio deve ter provocado um profundo impacto em qualquer ouvinte com mentalidade militar romana. Jesus foi um comandante no melhor estilo heroico, tanto que cumpriu seu dever mesmo com sacrifício da própria vida.

Mesmo sendo Deus, Jesus veio “*para servir e dar sua vida em resgate de muitos (10.45)*”, exatamente a mesma missão dada e reconhecida por cada militar desde os tempos remotos até os dias de hoje: SERVIR E PROTEGER!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Evandro Teixeira. **A Polícia e a Igreja: uma parceria para o desenvolvimento da comunidade e o combate à violência**. Pompeia: Universidade da Família, 2012.

BARRETO NETO, Custódio Alves. **Um Policial... Um servo de Deus: há um propósito de Deus para o policial**. São José dos Campos: JAC, 1999.

BLACK, David Alan. **Por que 4 Evangelhos?** Razões históricas e científicas da escolha de Mateus, Marcos, Lucas e João. São Paulo: Vida, 2004.

CONTRIN, Gilberto. **História global:** Brasil e Geral. São Paulo: Saraiva, 2005.

DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da Bíblia.** São Paulo: Vida, 1954.

DEBARROS, Aramis C. **Doze homens, uma missão.** São Paulo: Hagnos, 2006.

DOUGLAS, M. D. **O novo dicionário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1991.

LEME FILHO, Trajano. **Os 50 maiores erros da Humanidade.** Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.

MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos escritos do Novo Testamento.** São Paulo: Vida, 2010.

MCDOWELL, Josh. **As evidências da ressurreição de Cristo:** os fatos históricos comprovam a ressurreição de Cristo. São Paulo: Candeia, 1999.

ROCHA, Abelardo Julio; et.al. **Regulamento disciplinar da Polícia Militar do Estado de São Paulo.** São Paulo: Suprema Cultura, 2007.

SAYÃO, Luiz. **Rota 66 - Novo Testamento:** manual de apoio do comentário bíblico falado. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2009.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional